

TURISMO: SOB ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

TOURISM: UNDER ANALYSIS OF SUSTAINABLE DEVELOPMENT

Carlos Alberto Cloce SAMPAIO*

RESUMO

O desenvolvimento sustentável altera substancialmente todos os pressupostos do atual modelo de desenvolvimento econômico, inclusive a chamada indústria do turismo, sobretudo na regulação dos padrões de consumo, estilos de vida e de um conjunto de funções produtivas. Diante da complexidade destas mudanças, talvez o adjetivo ingênuo seja pouco para tratá-las, mas não importa. O que importa mesmo é a tentativa de superar o atual modelo de desenvolvimento, com necessidades políticas da sociedade tornando-se necessidades e aspirações de apenas um pequeno grupo privilegiado, que, aliás, é o que usufrui do chamado turismo de luxo. A hora é de criatividade e dinâmicas institucionais. É necessário estimular novas formas de organização no setor de serviços econômicos – turismo – e sociais – organizações do terceiro setor – com um forte componente de sua autoprodução coletiva pelos interessados com o devido apoio material e técnico por parte do Poder Público, o qual, aliás, deve redefinir as pautas de sua atuação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável; Estilos de Desenvolvimento; Estratégias de Desenvolvimento.

ABSTRACT

Sustainable development substantially alters all the presuppositions of the existing economic development model, including what is termed the tourism industry, and in particular, the regulation of consumer standards, lifestyles and a range of productive functions. Owing to the complex nature of these changes, the adjective “naive” may be inadequate when dealing with them, but this is not important. What really is important is the attempt to overcome the current development model, in which society’s political needs become the needs and aspirations of just a small privileged group, which also happens to be the group that enjoys so-called luxury tourism. It is time for creativity and institutional dynamics. New forms of organization need to be encouraged in the economic services sector – tourism – and social sectors – third sector organizations – with a strong component of collective production by those involved and with the necessary material and technical support of the Public Authorities which, incidentally, should redefine their operational agendas.

Key words: Sustainable Development; Development Styles; Development Strategies.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento sustentável surgiu de uma consciência planetária sobre ameaças embutidas no projeto da civilização industrial-tecnológica – explosão demográfica e pobreza, industrialização poluente e uso predatório de recursos naturais – no

INTRODUCTION

Sustainable development emerged from a global awareness of the threats – the demographic explosion and poverty, industrial pollution and predatory use of natural resources – inherent to industrial and technological civilization at the

* Professor dos Programas de Mestrado de Desenvolvimento Regional, Engenharia Ambiental e Administração de Negócios da Universidade Regional de Blumenau. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Engenharia de Produção na área da Gestão da Qualidade Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina e na área de Sócio-Economia do Desenvolvimento pela L’Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales.

* Professor on the Master’s Degree Programs in Regional Development, Environmental Engineering and Business Administration at the Universidade Regional de Blumenau. Researcher at the Interdisciplinary Center for the Environment Development, of the Post-Graduate Program in Political Sociology at the Federal University of Santa Catarina. Doctor in Production Engineering, specializing in the area of Environmental Quality Control, from the Federal University of Santa Catarina and specializing in the area of the Socio-economics of Development from the L’Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales.

início da década de 70¹. Desde então, a complexa teia de inter-relações homem-meio ambiente encontra-se em rápida disseminação em todo o mundo. Nessas discussões, surge a questão da problemática ambiental e do meio ambiente com várias acepções, fundamentalmente situadas entre dois pontos extremos – o conservacionista e o chamado novo naturalismo.²

Na concepção conservacionista, de maneira geral, prima o mito da natureza intocada,³ o qual presume o homem como um destruidor do meio ambiente, isto é: natureza e homem são conceitos dissociados, toma-se a natureza como sujeito e, de certo modo, o homem como objeto. Para ilustrar, cita-se o modelo de parques nacionais desabitados, surgido nos Estados Unidos, em meados do século XIX, onde não é permitida a residência humana em área protegida.

Dentro da concepção do novo naturalismo, a relação homem-meio ambiente é simbiótica. Esta perspectiva originou-se das terminologias conhecidas como problemática ambiental e desenvolvimento sustentável. Exemplificando: a política nacional de gerenciamento local de recursos renováveis em Madagascar,⁴ onde as comunidades locais contribuem na gestão dos recursos naturais em áreas de reservas ambientais.

A temática do Turismo, de certo modo, vem sendo discutida ora como uma atividade tipicamente econômica (muitas vezes confundida com a terminologia **indústria do turismo**) ora como uma atividade econômica-sócio-ambiental (**turismo sustentável**).⁵

A terminologia indústria do turismo, certamente de fácil correlação com o projeto civilizatório industrial-tecnológico, transforma o adjetivo econômico, diferentemente dos seus pares – social e ambiental – em substantivo. Nesta vertente, se tem uma preocupação maior com o sujeito chamado turista e sua demanda por necessidades, do que com o objeto denominado população receptiva e sua oferta de bens e serviços.

O turismo sustentável, invertendo os papéis entre sujeito e objeto, tem como premissa estudar os impactos da atividade turística na população receptiva, vista como sujeito, isto é: analisar interdisciplinarmente a comunidade impactada pela atividade turística, perpassando pelas ciências humanas, sociais e naturais (e não mais na visão duodisciplinar da economia e da administração), repensando as estratégias de um novo estilo de desenvolvimento no contexto da demanda social – regulando os padrões de consumo e os estilos de vida – e da oferta de bens e serviços – regulando um conjunto de funções produtivas.⁶

beginning of the 1970s¹. Since then, the complex web of interrelations between man and the environment has spread rapidly throughout the world. In these discussions, the environmental issue is addressed in its various meanings, which basically fall between two extremes – conservationist and the so-called new naturalism.²

Generally speaking, the prominent idea in the conservationist view is the myth of untouched nature,³ in which man is seen as the destroyer of the environment, i.e., the concepts of nature and man are dissociated from one another, with nature being understood as the subject and, in a certain way, man as the object. An example of this is the model of uninhabited national parks, which arose in the United States around the 14th Century, and which permits no human residence within a protected area.

In the concept of new naturalism, the relationship between man and the environment is symbiotic. This perspective arose from the terms “environmental questioning” and “sustainable development”. It can be exemplified by the national policy of local management of renewable resources in Madagascar,⁴ where local communities contribute to the management of natural resources in environmental reserves.

The theme of tourism is sometimes discussed either as a typical economic activity (often confused with the term **tourism industry**), or as an economic, social and environmental activity (**sustainable tourism**).⁵

The term “tourism industry”, which can easily be linked with the industrial and technological civilizing project, transforms the adjective “economic” into a noun, in contrast to its pairs “social” and “environmental”. This view emphasizes a greater concern with the subject known as the *tourist*, and his demand for needs, than with the object termed *receptive population* and its offer of goods and services.

The premise of sustainable tourism, which reverses these roles of subject and object, is to study the impacts of tourism on the receptive population, which is viewed as the subject. In other words, it carries out an interdisciplinary analysis of the community impacted by the tourism activity, which involves the human, social and natural sciences (and no longer just the duo-disciplinary perspective of economy and administration), rethinking the strategies of a new development style in the context of social demand – regulating consumer standards and lifestyles – and of the offer of goods and services – regulating a range of productive functions.⁶

1. DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A problemática ambiental reflete a percepção de que o volume de impactos destrutivos gerados pela ação antrópica (do homem) sobre os ecossistemas tem-se ampliado a horizontes de longo prazo, de modo a repensar as atuais formas de desenvolvimento, tanto neo-liberais como social-democratas, favorecendo uma internalização efetiva do meio ambiente, enquanto recursos naturais, espaço e qualidade do *habitat*, para que se transcenda a preocupação por suas repercussões no plano puramente biofísico, como também no processo de intercâmbio entre fatores geobiofísicos e sócio-culturais.

Em nossa história recente, na década de 70, surgiu com grande mobilização a discussão em torno da questão ecológica, transformando a pura preocupação ambiental em um importante pressuposto para o desenvolvimento mundial.

Começa-se a levantar questionamentos – entre eles, o de maior repercussão é o documento do Massachusetts Institute Technology – MIT – *Os Limites do Crescimento*, encomendado para o Clube de Roma, conhecido pelo seu modelo mundial, que representa as interligações de recursos, população e meio ambiente na dinâmica do sistema mundial,⁷ alertando para os riscos ocasionados por um modelo de crescimento econômico que não levava em conta a capacidade de suporte dos ecossistemas. Com base científica de inspiração neomalthusiana – enquanto a população se desenvolve em progressão geométrica, a produção de alimentos tende a crescer em progressão aritmética –. Os Limites do Crescimento propunha um planejamento mundial da repartição e da utilização dos recursos naturais, uma reorientação da produção para um modelo menos destruidor, associado a um cuidadoso controle do crescimento populacional.

Em 1972, em Estocolmo, Suécia, realizou-se a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano. Essa Conferência, além de ter tido o mérito de trazer a questão ambiental para a agenda dos grandes temas internacionais e ter-se tornado importante marco no processo de tomada de consciência universal da importância do meio ambiente, foi também a primeira iniciativa do gênero tomada pelas Nações Unidas com o intuito de examinar essa questão de maneira global e coordenada, buscando respostas aos problemas existentes e tentando definir futuras linhas de ação para a discussão da problemática ambiental.

Esse foi, sem sombra de dúvida, o primeiro passo com repercussão mundial, porém não isento

1. FROM ENVIRONMENTAL ISSUES TO SUSTAINABLE DEVELOPMENT

Environmental issues reflect the awareness that the volume of destructive impacts generated by anthropic (human) activity on the ecosystems has enlarged long-term horizons, causing a rethinking of the current forms of development, both neo-liberal and social democrat, and promoting an emotional internalization of the environment in terms of natural resources, space and quality of habitat, which goes beyond concern for its repercussions on a purely biophysical level, and also in the exchange process between the geographical, biological, physical and socio-cultural factors.

In the 1970s, within recent memory, discussion on the ecological question underwent a major process of mobilization, transforming a purely environmental concern into a major presupposition for world development.

Research issues are beginning to be raised. Of these, the one with the most repercussions is the Massachusetts Institute of Technology (MIT) document – *The Limits of Growth*, commissioned by the Club of Rome, which is known for its global model that represents the interrelations between resources, the population and the environment in the worldwide system dynamic,⁷ and which provides a warning about the risks of an economic growth model that fails to take into account the capacity of the ecosystems to support such growth. With a scientific basis, of neo-malthusian inspiration – which states that while the population develops in geometric progression, food production tends to grow in arithmetic progression – *The Limits of Growth* provides a worldwide plan for the redistribution and use of natural resources and for the reorientation of production towards a less destructive model, together with careful control of population growth.

In 1972, the United Nations Conference on the Human Environment took place in Stockholm, Sweden. Besides having the merit of bringing the environmental question to the agenda of the great international themes and becoming an important landmark in the increasing universal awareness of the importance of the environment, this conference was also the first initiative of its type taken by the United Nations with the purpose of examining this issue in a global and coordinated way, seeking solutions to existing problems and attempting to define future courses of action for discussion of the environmental issue.

This was, without any shadow of a doubt, the first step with worldwide repercussions, though it

de críticas. O que transpareceu em Estocolmo foi a preocupação dos governos com uma estratégia de gestão do meio ambiente, em escala mundial, que atendesse a preservação de um projeto liberal desenvolvimentista. Nesta perspectiva, o que interessava preservar de fato era um circuito de acumulação de riquezas, baseado num sistema de produção que poderia ser inviabilizado pelo esgotamento dos recursos naturais e a crise ambiental anunciada.⁸

Em 1974, Ignacy Sachs e sua equipe interdisciplinar, sediada no *Centre International de Recherche sur L'Environnement et le Développement (CIRED)*, reelaboraram a questão do ecodesenvolvimento, criada em Estocolmo, ampliando e diversificando os seus horizontes.⁹

Com a Declaração de Cocoyoc de 1974, e o Relatório *Que Faire*, apresentado no final de 1975 pela Fundação Dag Hammarskjöld, por ocasião da 7ª Conferência Extraordinária das Nações Unidas, reutilizaram as idéias de Sachs e de sua equipe, entretanto, sem utilizar o termo ecodesenvolvimento de forma explícita, e sim as expressões um outro desenvolvimento e desenvolvimento sustentado.¹⁰

Contudo, o crescimento econômico ainda era a forma ideal de se alcançar a sociedade de consumo e bem-estar, e para isso os países do Terceiro Mundo deveriam esforçar-se para ingressar no bloco dos países desenvolvidos, como forma de superar os seus problemas sociais e ambientais. Um exemplo para este raciocínio era a personificação da administração Reagan – *deve-se melhorar a situação dos países ricos, para que estes possam relançar a economia* –, e a metáfora também utilizada no discurso liberal de Delfim Neto – *vamos crescer e depois repartiremos o bolo*.

O fracasso desta promessa desenvolvimentista na solução dos problemas globais era evidenciado pelo crescente sucateamento dos países do chamado Terceiro Mundo, provocado por uma excessiva concentração de renda, pelo aumento dos contingentes populacionais em estado de miséria absoluta,¹¹ e ainda pela acelerada degradação ambiental nesses países, apontando para a insustentabilidade social e ambiental desse modelo.

Passados alguns anos, em 1982 realizou-se em Nairobi (Quênia), sede do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – PNUMA, reunião comemorativa do décimo aniversário da Conferência de Estocolmo. Na ocasião, procedeu-se à avaliação dos resultados até então obtidos e a um exame da mudança de percepção da problemática ambiental.

Em 1983, em resposta a uma decisão da Assembleia Geral da ONU, foi estabelecida a Comissão

was not without its critics. What transpired in Stockholm was that governments became concerned with an environmental management strategy on a worldwide scale, which would serve to preserve a liberal developmentalist project. What they were interested in preserving was, in fact, a cycle of wealth accumulation based on a system of production that could be made unviable by the waste of natural resources and the environmental crisis that had been predicted.⁸

In 1974, Ignacy Sachs and his interdisciplinary team based at the *Centre International de Recherche sur L'Environnement et le Développement (CIRED)* re-elaborated the question of eco-development that had first been addressed in Stockholm, widening and diversifying its scope.⁹

With the Cocoyoc Declaration in 1974, and the Report *Que Faire*, presented by the *Fundação Dag Hammarskjöld* at the 7th Extraordinary Meeting of the United Nations towards the end of 1975, the ideas of Sachs and his team were used once again, however, the term eco-development was not explicitly used, but rather the expressions “another development” and “sustained development”.¹⁰

All in all, economic growth was still the ideal form of achieving a healthy consumer society. This is why Third World Countries should make every effort to enter the bloc of developed countries, as a means of overcoming their social and environmental problems. An example of this reasoning was the personification of the Reagan administration – *the situation of the rich countries should be improved so that they can kickstart the economy*, and this metaphor is also used in the liberal discourse of Delfim Neto – *lets grow then we'll divide up the cake*.

The weakness of this developmentalist promise in solving global problems was shown by the increasing devaluation of the so-called Third World countries, provoked by an excessive concentration of income, the growth of population contingents in a state of abject poverty,¹¹ and the accelerated environmental degradation in these countries, all of which indicated the social and environmental insustainability of this model.

Some years later in 1982, in Nairobi, Kenya, at the headquarters of the United Nations Environment Program UNEP, a meeting took place to commemorate the tenth anniversary of the Stockholm Conference. On this occasion, the results that had been obtained up until then were evaluated, and changes in perceptions of the environmental issue were examined.

In 1983, the World Foundation for Environment and Development (WFED) was set up in

Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, presidida pela norueguesa Gro Brundtland, que contou com a participação de governos, organizações não-governamentais (ONGs) e comunidade científica. Seu objetivo, em grandes linhas, era reexaminar a questão ambiental, inter-relacionando-a com a questão do desenvolvimento, e propor programas de ação. Quatro anos depois, confeccionou-se o relatório final da comissão, intitulado *Nosso Futuro Comum* – também conhecido como Relatório Brundtland. Desse relatório surge com mais força a expressão **desenvolvimento sustentável**, com intenção de despertar a conscientização pública e evidenciar a necessidade de um melhor gerenciamento do meio ambiente para sustentar o planeta Terra. A definição apresentada para desenvolvimento sustentável era de *satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer as necessidades das gerações futuras*, evocando a responsabilidade comum de todos os cidadãos a preservar o meio ambiente.

Esse documento avança em relação ao de Estocolmo, principalmente no reaquecimento da discussão, em escala internacional, sobre a caracterização precisa do critério de sustentabilidade do desenvolvimento, porém não acrescentando modificações substanciais à reflexão do ecodesenvolvimento.¹⁷

Muitas das idéias e percepções do Relatório Brundtland foram discutidas na RIO-92. Entre as principais se destacam: a Carta da Terra – uma declaração de princípios básicos a serem seguidos por todos os povos com respeito ao meio ambiente e ao desenvolvimento; a proposta de duas convenções internacionais: uma sobre a biodiversidade e a outra sobre as alterações climáticas; a Agenda 21 – um plano de ação com as metas aceitas universalmente para o período pós-1992 e entrando pelo século XXI, com prioridades, estimativas de custo e atribuições de responsabilidades, e ainda criando mecanismos de financiamento para projetos do meio ambiente, inclusive com transferência de tecnologia ambiental.

De Estocolmo até a RIO-92, destacou-se a polarização desenvolvimentista, formada pela riqueza do Norte – os países desenvolvidos ou industrializados – e pela pobreza do Sul – os países em desenvolvimento ou do Terceiro mundo.¹⁸ Materializando esta polarização, apontam-se alguns indicadores macroeconômicos da economia atual, conforme ilustra o Quadro 1, sobretudo baseados na racionalidade econômica, por não possibilitar a solução de problemas fundamentais da maioria da humanidade, satisfazendo apenas uma pequena minoria:

response to a decision by the United Nations General Assembly. It was presided over by the Norwegian Gro Brundtland. The commission included governments, non-governmental organizations (ONGs) and the scientific community. Its overall objective was to re-examine the environmental issue, interrelating it with the developmental issue, and provide programmes of action. Four years later, it published the Brundtland Report, which was entitled "Our Common Future". From this report the expression **sustainable development** became more firmly established, with the aim of increasing public awareness and showing the need for better environmental management in order to sustain the planet. The definition given for sustainable development was to *meet the needs of the current generation without comprising the needs of future generations*, a definition which suggested a shared responsibility of all citizens in preserving the environment.

This document goes further than the Stockholm one did, particularly in reviving discussion, at an international level, concerning the precise definition of the criterion for sustainability of development. It does not, however, add any substantial modifications to the thinking on eco-development!¹⁷

Many of the ideas and views contained in the Brundtland Report were discussed at the RIO-'92 Summit. Among the main topics were: The Earth Letter – a declaration of the basic principles to be followed by all peoples with respect to the environment and development; a proposal for two international conferences: one on biodiversity and the other on climatic alterations; Agenda 21 – a plan of action which outlines the universally-accepted goals of the post-1992/early 21st century period, with priorities, calculation of costs and responsibilities, including environmental technology transfer and the creation of financing mechanisms for environmental projects.

During the period between Stockholm and the RIO-'92 Summit, developmentalist polarization was prominent, created by the wealth of the North – the developed or industrialized countries – and the poverty of the South – the developing or Third world countries.¹⁸ To corroborate this polarization, some macroeconomic indicators of the present day economy are highlighted, as shown in Table 1. These are mainly based on economic rationality in that they do not solve the basic problems of the majority of humanity, but satisfy only a small minority:

Quadro 1. Indicadores Macroeconômicos da Economia Atual.

Table 1. Macroeconomic Indicators of the Current Economy.

Indicadores Indicators	Países Industrializados Industrialized Countries	Demais Países Other Countries
Demografia <i>Demography</i>	18% da população <i>18% of population</i>	82%
Expectativa de vida* <i>Life expectancy*</i>	78 anos <i>78 years</i>	66 anos <i>66 years</i>
Renda <i>Income</i>	77% dos bens do mundo <i>77% of world's goods</i>	23%
Consumo de energia primária <i>Primary energy consumption</i>	60% de energia <i>60% of energy</i>	40%

* Os países com a maior e a menor expectativa de vida são respectivamente: o Japão com 80 anos e Serra Leoa com 37 anos.

Fonte: Human Development Report (1999).

* The countries with the highest and lowest life expectancy respectively are: Japan, with 80 years, and Serra Leoa, with 37 years.

Source: Human Development Report (1999).

O Quadro 1 anterior indica que menos de 1/5 da população mundial vive melhor do que o restante. Este panorama introduz uma perspectiva apocalíptica deste desenvolvimento econômico, que se acentuará ainda mais, porque a tecnologia que está sendo usada para reverter esta perspectiva é a mesma que causou tamanhas disparidades.¹¹

A atual consciência sobre este quadro tem direcionado as discussões, de modo a tentar reverter esta situação. O consenso é que os problemas possuem efeitos, ou melhor, dimensionalidades diferentes, mas a origem é a mesma: o estilo de desenvolvimento economicista.¹⁵

2. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – A VISÃO INTERDISCIPLINAR DE IGNACY SACHS

Sachs reelabora o conceito de desenvolvimento sustentável, também chamado de ecodesenvolvimento, como um estilo de desenvolvimento aplicável a projetos não só rurais mas também urbanos, oposto à diretriz mimético-dependente tradicionalmente adotada nos países pobres, orientado pela busca de autonomia ou *self-reliance*,¹⁶ e pela satisfação prioritária de necessidades básicas das populações envolvidas.¹⁷ A integração da dimensão do meio ambiente é pensada não apenas como uma espécie de coação suplementar, mas também na qualidade de um amplo potencial de recursos, utilizando-se de critérios de prudência ecológica.

Sachs articula quatro postulados, reunindo idéias essenciais do enfoque do desenvolvimento

Table 1 above indicates that less than 1 fifth of the world's population is better off than the remaining four fifths. This scenario introduces an apocalyptic perspective to this economic development, which is even more accentuated by the fact that the technology which is being used to reverse the picture is the same technology that caused such wide disparities in the first place.¹⁴

Current awareness of the situation has led to talks aimed at trying to reverse the picture. The general consensus is that the problems have different effects, or rather dimensions, but their origin is the same: the economist style of development.¹⁵

2. SUSTAINABLE DEVELOPMENT – THE INTERDISCIPLINARY VISION OF IGNACY SACHS

Sachs re-elaborates the concept of sustainable development, also known as eco-development, as a development style that is applicable not only to rural projects but also to urban ones, as opposed to the mimetic-dependent directive that is traditionally adopted in the poorer countries, which is driven by the search for autonomy or self-reliance¹⁶ and the priority satisfaction of the basic needs of the populations involved.¹⁷ The inclusion of the environmental dimension is thought of not only as a kind of additional coercion, but also as a large resource potential, making use of the criteria of ecological prudence.

Sachs speaks of four hypotheses that link the essential ideas of sustainable development. The first is the priority of achieving social objectives,

sustentável. O primeiro deles é a prioridade ao alcance de finalidades sociais, redirecionando o processo de crescimento econômico, visando ao alcance de objetivos sociais prioritários, traduzidos pelas suas necessidades materiais e psicossociais, como auto-determinação, participação política e auto-realização; o segundo é a valorização da autonomia ou self-reliance, buscando um maior grau de controle dos aspectos cruciais do processo de desenvolvimento, mediante a ação da sociedade civil organizada, no âmbito local, microrregional ou regional, canalizando e maximizando os seus recursos disponíveis, num horizonte de respeito às suas tradições culturais e sem incorrer com isso em auto-suficiência ou isolacionismo; o terceiro é a busca de **uma relação de simbiose com a natureza**, abandonando o padrão arrogante de relacionamento com o meio ambiente biofísico instaurado pela modernidade à luz do processo modernizador; e o quarto é a **eficiência econômica**, situando a eficiência econômica como uma alternativa à racionalidade microeconômica dominante, no sentido de uma internacionalização efetiva da problemática dos custos sócio-ambientais do processo de desenvolvimento.¹⁸

Pode-se, também, reagrupar estes postulados do desenvolvimento sustentável, de maneira a conceituar mais adequadamente em termos de estratégias de **um desenvolvimento socialmente mais justo, ecologicamente prudente e economicamente eficaz**.

3. PLANEJAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Sachs aponta que o desenvolvimento sustentável deve ser implementado por uma metodologia de planejamento, como sendo um espaço de aprendizado social, equidistante tanto da tradição tecnicista quanto da assembleista, e se materializando sobre uma síntese pedagógica.

É nesta ótica que o planejamento oferece um novo modelo para políticas governamentais, com estratégias concretas de intervenção corretivas, baseadas nos postulados interdependentes de eficiência econômica, equidade social e prudência ecológica, e um novo critério de racionalidade social baseado na crítica ao efeito de *externalização de custos sócio-ambientais*, exercido pelo modelo puramente econômico,¹⁹ sobretudo quando este planejamento é participativo, com atores sociais, agentes e reagentes, com uma visão contratual com o meio ambiente.²⁰

O planejamento participativo recupera a participação social da sociedade, de modo que o cidadão

redirecting the process of economic growth in order to fulfill these priority social objectives, which are interpreted by their material and psychosocial needs such as self-determination, political participation and self-fulfillment; the second is the valorization of autonomy or self-reliance, seeking a greater degree of control over crucial aspects of the development process, through the activity of an organized civil society at local, micro-regional or regional levels, channeling and maximizing the society's available resources, while at the same time respecting cultural traditions and avoiding self-sufficiency or isolationism; the third is the search for a **symbiotic relationship with nature**, abandoning the traditional arrogant relationship with the biophysical environment that was formed by modernity in the light of the modernization process; and the fourth is **economic efficiency**, which is an alternative to the dominant micro-economic rationality, in terms of an effective internationalization of the issue of the socio-environmental costs of the development process.¹⁸

These hypotheses on sustainable development may also be united in terms of strategies for a **socially fairer, ecologically more prudent and economically more effective development**.

3. PLANNING FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT

Sachs points out that sustainable development should be introduced through a planning methodology, as it is an opportunity for social learning, mid-way between the "technicist" and "assemblyist" traditions, and materializing on a pedagogic synthesis.

From this perspective, planning offers a new model for government policies, with concrete strategies for corrective intervention, based on the interdependent hypotheses of economic efficiency, social equality and ecological prudence, and new criteria for social rationality based on criticism of the effect of *externalization of socio-environmental costs*, which is exercised by the purely economic model;¹⁹ particularly when this planning is participative, with social actors, agents and reactors, who have a contractual view of the environment.²⁰

Participatory planning regains the social participation of society, in such a way that the citizen contributes to the creation of **eco-strategies**, from

contribua na elaboração das **ecoestratégias**, desde a informação até a execução da ação proposta, transformando a sociedade civil num **terceiro sistema**, à medida que toma consciência de si mesma e começa a interpelar-se e a conhecer-se.²¹

Na elaboração das ecoestratégias do desenvolvimento, o planejamento trata de algumas dimensões de sustentabilidade, conforme as idéias de Sachs no seu trabalho mais recente:²²

1 - **Sustentabilidade Social** é a criação de um processo de desenvolvimento civilizatório baseado no *ser* e que seja sustentado por uma maior equidade na distribuição do *ter*, nos direitos e nas condições das amplas massas da população, e achatar a distância entre os padrões de vida dos mais ricos e mais pobres.

2 - **Sustentabilidade Econômica** possibilita uma melhor alocação e gestão mais eficientes dos recursos e por um fluxo regular do investimento público e privado. Esta eficiência é macrosocial, reduzindo os custos sociais e ambientais, bem diferente da lógica economicista.

3 - **Sustentabilidade Ecológica** incrementa o aumento da capacidade de recursos naturais, limitando os recursos não-renováveis ou ambientalmente prejudiciais, reduzindo o volume de poluição, autolimitando o consumo material pelas camadas sociais mais privilegiadas, intensificando a pesquisa de tecnologias limpas e definindo regras para uma adequada proteção ambiental.

4 - **Sustentabilidade Espacial** é aquela voltada a uma configuração rural-urbana mais equilibrada com ênfase nas seguintes questões: concentração excessiva nas áreas urbanas, processos de colonização descontrolados, promoção de projetos modernos de agricultura regenerativa e agroflorestamento, industrialização centralizada, criação de empregos rurais não agrícolas, e o estabelecimento de uma rede de reservas naturais e de biosfera para proteger a biodiversidade.

5 - **Sustentabilidade Cultural** engloba as raízes endógenas dos modelos de modernização e dos sistemas rurais integrados de produção, respeitando a continuidade das tradições culturais, e até mesmo a pluralidade das soluções particulares.

6 - **Sustentabilidade Política** privilegia a negociação da diversidade de interesses envolvidos em questões fundamentais desde o âmbito local ao global.

the information stage up to the carrying out of the proposed action. It transforms civil society into a **third system**, and at the same time becomes self-aware and begins to question and discover itself.²¹

In the elaboration of development eco-strategies, the planning deals with some dimensions of sustainability, according to the ideas of Sachs in his most recent work:²²

1 - **Social Sustainability** is the creation of a civilizing development process based on the *being* and is sustained by greater equality in the distribution of the *having*, on the rights and conditions of large portions of the population, and on the lessening of the wide disparity between the standards of living of rich and poor.

2 - **Economic Sustainability** enables better allocation and more efficient management of resources through a regular flow of public and private investment. This efficiency is macro-social and, unlike the economist logic, reduces social and environmental costs.

3 - **Ecological Sustainability** increases the capacity of the natural resources, limiting the non-renewable or environmentally harmful resources, reducing the volume of pollution, self-limiting material consumption by the more privileged social levels, intensifying clean technology research and defining rules for better environmental protection.

4 - **Spatial Sustainability** is sustainability the one which is geared towards a more balanced rural-urban configuration with emphasis on the following issues: excessive concentration in urban areas, uncontrolled colonization, promotion of modern regenerative agricultural and agro-forestry projects, centralized industrialization, creation of non-agricultural rural jobs and the establishment of a network of natural and biosphere reserves for the protection of the biodiversity.

5 - **Cultural Sustainability** deals with the endogenous roots of modernization models and integrated rural production systems, respecting the continuity of cultural traditions, and even the plurality of specific solutions.

6 - **Political Sustainability** stresses the importance of negotiation of the diversity of interests involved in fundamental issues, from local up to global levels.

4. ESTRATÉGIAS DE UM NOVO ESTILO DE DESENVOLVIMENTO

Refinando a estrutura conceitual, de modo a ampliar e diversificar o horizonte da reflexão do desenvolvimento sustentável, Sachs caracteriza com mais precisão e rigor as diretrizes para uma dinâmica padronizada de harmonização das múltiplas dimensões do processo de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, define e explora analiticamente as variáveis estratégicas de um estilo de desenvolvimento.²³

Estas variáveis de um jogo de harmonização incluem, relativamente ao contexto da demanda social, a regulação dos padrões de consumo e dos estilos de vida, e, relativamente ao contexto da oferta de bens e serviços, a regulação de um conjunto de funções produtivas, principalmente, a gestão do uso da tecnologia e da natureza dos produtos gerados pelos sistemas produtivos, e a gestão do uso de recursos naturais e do suprimento energético.²⁴

A redefinição dos estilos de desenvolvimento, não no sentido do não-crescimento, se dará com suas modalidades técnicas submetidas a um controle social rigoroso, suas formas de divisão própria, sua subordinação a uma função objetiva concebida a partir da lógica das demandas sociais;²⁵ reformulando a relação dialética entre produção e consumo, que nos diz que sem necessidade não existe produção, contudo, o consumo reproduz necessidades.²⁶

O desenvolvimento sustentável critica alguns pontos cruciais da visão economicista, incluindo-se aqui a chamada indústria do turismo, como por exemplo: escolher livremente dentro uma grande variedade de mercadorias e de serviços, não quer dizer ser livre;²⁷ mas sim, na maioria das vezes, adaptar-se às rijezas da oferta.²⁸ Não podemos deixar que a felicidade seja sinônimo de se obter bens, de forma a substituir as satisfações afetivas, e assumirmos o risco de dela nos tornarmos escravos, tendo a necessidade de um programa tecnológico sempre crescente, para mascarar a nossa insatisfação afetiva e o nosso mal-estar.²⁹

Sabemos que a maioria desses bens são **posicionais**, aqueles que representam melhoria de posição na sociedade dos que buscam *status*,³⁰ e, ainda, correspondem aos custos transacionais e gerenciais, que crescem tão rapidamente nas nossas sociedades, trazidos pelas mazelas da afluência, aos acidentes inerentes aos estilos contemporâneos de vida urbana e aos modos de transporte, à depreciação do ambiente, às deseconomias de escala da megalomáquina e da sua gêmea megaburocracia.³¹

4. STRATEGIES OF A NEW DEVELOPMENT STYLE

Refining the conceptual structure in a such as way as to widen and diversify the thinking on sustainable development, Sachs describes, with greater precision and rigor, the directives for a standardized dynamic for harmonizing the multiple dimensions of the development process. At the same time, he defines and explores analytically the strategic variables of a development style.²³

Within the context of social demand, these variables of a set of harmonization aspects include the regulation of consumer standards and lifestyles and, within the context of the offer of goods and services, the regulation of a set of productive functions. In particular, it includes the management of the use of technology, of the nature of the products generated by the productive systems, and of the use of natural resources and energy.²⁴

The redefinition of development styles, not in the sense of non-growth, will occur by submitting its technical modalities to rigorous social control, its own forms of division and its subordination to an objective function based on the logic of social demands,²⁵ reformulating the dialectic relationship between production and consumption, which tells us on one hand that production does not exist without necessity while on the other hand, makes it clear that consumption reproduces needs.²⁶

Sustainable development criticizes some crucial points of the economist point of view, including the so-called tourism industry. For example: choosing freely from a wide range of goods and services does not mean being free;²⁷ but rather, in the most cases, is being adapted to the inflexibilities of the offer.²⁸ We cannot accept happiness as synonymous with obtaining goods by substituting emotional satisfaction, and therefore, running the risk of becoming slaves to it, requiring an ever-growing technological program to mask our emotional dissatisfaction.²⁹

We know that the majority of these goods are **positional**, representing the social improvement of those who seek status.³⁰ They also correspond to the transactional and management costs that are growing so rapidly in our societies as a result of the downside of affluence, the accidents inherent to contemporary urban lifestyles and means of transport, the degradation of the environment, the diseconomies of scale of "megalomachine" and their twin mega-bureaucracy.³¹

Na mesma proporção, as funções de produção reproduzem a liberdade econômica, que nada mais é do que uma autolimitação do apetite por bens materiais e do desejo de afirmação de *status* social através da desigualdade no consumo, oriunda de um excedente econômico. Teríamos, então, de reformulá-las na direção de uma maior liberdade cultural, proveniente de uma redução do tempo de trabalho que gera o excedente econômico, de modo a liberar um excedente de tempo disponível, que poderá ser empregado individual ou coletivamente com finalidades culturais, entre elas, lúdicas, religiosas, sociais, educacionais, esportivas e outras.³² Portanto, a maneira pela qual a sociedade usa seu tempo define o seu estilo de vida.

Este tempo de trabalho, mesmo quando o valor de troca estiver suprimido, continua sendo sempre a sua substância criadora de riqueza e a medida dos custos exigidos pela produção. Mas, o tempo livre, ou melhor, o tempo disponível constitui a riqueza mesma, consagrada em parte à fruição dos produtos, em parte ao exercício de uma atividade livre, que não deve ser desempenhada como o trabalho sob a imposição de um fim exterior que tem de ser realizado, quer se trate de uma necessidade natural ou de uma obrigação social, pouco importa.³³

Diga-se, desde logo, que dentro de uma percepção bipolar de tempo, produtivo – aquele em que a personalidade se realiza – e improdutivo – ou até mesmo destrutivo de sua personalidade –, a oposição freqüente feita entre tempo de trabalho alienante e o tempo de lazer desalienante não tem nenhum sentido. O trabalho pode ser um ensejo de criação, ao passo que o lazer forçado ou suportado passivamente é apenas fonte de tédio.³⁴

O direito de cada homem de buscar a coerência de um projeto existencial no emprego do seu próprio tempo coletivo, ou ainda de ganhar consciência e autonomia, implica que as suas singularidades naturais e individuais conseguirão gerar uma criatura original ou irredutível.³⁵

Com essa perspectiva, os homens são atores sociais, cada um conservando a sua singularidade, de forma que assumam funções distintas na sociedade, conforme suas ansiedades e possibilidades. Nestas funções que cada um de nós venha a ocupar, se esperam ações e reações, fruto de uma racionalidade não econômica ou não instrumental. Racionalidade essa que conduz à verdade, consequentemente, à liberdade e à felicidade.³⁶

O exercício desta racionalidade substantiva conduz obrigatoriamente ao político, ao exercício de opções que se refletem na sociedade subordinada a critérios éticos e mesmo estéticos.³⁷ e, acima de tudo, às relações de poder e à articulação em torno da

To the same degree, the functions of production reproduce economic freedom, which is nothing more than a self-limitation of the appetite for material goods and the desire for affirmation of social status through inequality of consumption, resulting from an economic surplus. We will, therefore, need to reformulate them to create greater cultural freedom, by reducing the working time that generates this economic surplus, in order to produce an excess of free time that could be used individually or collectively with cultural objectives, such as gaming, religious, social, educational and sporting objectives, among others.³² A society's lifestyle is therefore defined by the way in which it uses its time.

Even when the value of change is suppressed, this working time continues to be its wealth-creating substance and the measure of costs demanded by production. But free time, or rather, available time, also constitutes wealth itself, dedicated partly to the creation of products and partly to the exercise of a free activity, which must not be performed as work with imposed external goals to be attained, whether as a natural need or a social obligation, matters not.³³

It should be said that from a bipolar perspective of time, the productive – in which the personality is fulfilled – unproductive – or even destructive to the personality –, the frequent opposition between alienating working time and non-alienating leisure time makes no sense. Work can be an opportunity for creation, just as leisure that is forced or passively tolerated is nothing more than a source of tedium.³⁴

The right of every man to seek the coherence of an existential project in the use of his own collective time, or even to increase his awareness and autonomy, imply that his natural and unique individual characteristics are capable of generating an original or irreducible creature.³⁵

From this point of view, men are social actors, each one a preserver of his uniqueness, so that he assumes a distinct role in society according to his concerns and potential. Within these roles that each of us comes to perform, certain actions and reactions are expected, as the result of a rationality that is neither economic nor instrumental. It is a rationality that leads to the truth and consequently, to freedom and happiness.³⁶

The exercise of this substantive rationality inevitably leads to politics and the exercise of choices that are reflected in a society that is subordinated to ethical and aesthetical criteria.³⁷ Above all, it leads to relationships of power and articulation that

produção da riqueza material para a satisfação das necessidades humanas, tanto da sociedade civil e do Estado como do mercado, restabelecendo o controle social sobre a tecnologia.³⁸

Uma tecnologia nestes moldes, com preocupação sócio-ecológica do desenvolvimento, consolidou-se a partir da tecnologia sustentada, ou melhor, apropriada. A tecnologia apropriada é a evolução da tecnologia intermediária,³⁹ absorvendo-a em seu conceito.⁴⁰

Schumacher – autor que elaborou o conceito de tecnologia intermediária – não distingue explicitamente uma da outra; entretanto, interpretando os seus trabalhos *Small is Beautiful* e *Good Work*, verificou-se que o conceito de tecnologia intermediária se originou da necessidade de se adotar tecnologias de mão-de-obra intensiva, bem ao contrário das tecnologias avançadas da modernização, nos países pobres.⁴¹ Devido à existência de mão-de-obra abundante e não especializada nos países do Terceiro Mundo, Schumacher formulou quatro proposições para combater os efeitos negativos dessa alta tecnologia nesses países: 1) têm de ser criadas organizações nas áreas onde as pessoas vivem agora e não, primordialmente, em regiões metropolitanas para as quais tendem a migrar; 2) essas organizações, entre elas da atividade turística, têm de ser, em média, suficientemente baratas para que possam ser criadas em grande quantidade sem exigir um nível inatingível de formação de capital e importações; 3) os métodos de produção empregados devem ser relativamente simples, de sorte que a demanda de grandes qualificações seja minimizada, não apenas no processo de produção mas também em matérias de organização, fornecimento de matérias-primas, financiamento, comercialização, etc.; e 4) a produção deve ser, sobretudo, dependente de materiais locais e para consumo local.⁴²

Nessa mesma contextualização, Schumacher introduziu uma economia da não-violência, que possa cooperar com a natureza em vez de explorá-la. Ele defendia o uso de recursos renováveis já em meados da década de 50, numa época em que o otimismo tecnológico glorificava o crescimento e a expansão econômica, considerando os recursos ilimitados. Schumacher falava de uma *tecnologia com rosto humano*,⁴³ produzindo bens e serviços necessários e úteis, permitindo-nos usar e aperfeiçoar nossos talentos naturais e nossas habilidades, servindo aos demais, e colaborando com eles, para nos libertarmos do nosso inato egocentrismo.⁴⁴ Em seu trabalho *A guide for the perplexed*, Schumacher discute a filosofia da modernidade, disparando tiros contra a sua racionalidade, que expurga a imaginação e os sentidos, deixando-se convencer fosse pelo que fosse, a não ser pela evidência da razão, razão esta que nos torna *donos e senhores da natureza*.⁴⁵

surround the production of material wealth for the satisfaction of human needs, both of civil society and of the State as a market, re-establishing social control over technology.³⁸

Such technology, with a socio-ecological concern for development, is based on sustained, or rather appropriated technology. Appropriated technology is an evolution of intermediary technology,³⁹ and absorbs it in its concept.⁴⁰

Schumacher – the author who created the concept of intermediary technology – does not explicitly distinguish one from the other; however, by interpreting his works *Small is Beautiful* and *Good Work*, it can be seen that the concept of intermediary technology arose from the need to adopt technologies for the intensive labor force that were quite different from the advanced modernization technologies of poor countries.⁴¹ Due to the existence of an abundant, non-specialized labor force in Third World countries, Schumacher formulated four propositions to combat the negative effects of this high level of technology in these countries: 1) organizations must be created in the areas where people currently live and not, primarily, in the metropolitan regions to which they tend to migrate; 2) these organizations, which include tourism, must in general be cheap enough for them to be created in large quantities without requiring an unfeasible amount of training, capital and imports; 3) the production methods used should be relatively simple, of the type that will minimize the need for high qualifications, not only in the production process but also in terms of organization, supply of primary materials, financing, commercialization, etc.; and 4) the production should, above all, be dependent on local materials and for local consumption.⁴²

Within this context, Schumacher introduces an economy of non-violence that can cooperate with nature instead of exploiting it. He has defended the use of renewable resources since the 1950s, an era when technological optimism glorified economic growth and expansion, given the unlimited resources. Schumacher spoke of *technology with a human face*,⁴³ producing goods and services that were necessary and useful, enabling us to use and perfect our natural talents and abilities, serving others, and working along with them, and thereby freeing us from our innate egocentricity.⁴⁴ In his work *A guide for the perplexed*, Schumacher discusses the philosophy of modernity, condemning its rationality which purges the imagination and the senses, being easily convinced anything, except the evidence of a reasoning which makes us *owners and masters of nature*.⁴⁵

A tecnologia apropriada assim recupera, com proeza, conhecimentos preciosos que podem ser aplicados em uma grande variedade de maneiras, das quais a tecnologia moderna é apenas mais uma.¹⁶ Sachs¹⁷ confirma estas considerações, acrescentando que a explicitação dos critérios aos quais há de obedecer a escolha de técnicas, produtos e prioridades de pesquisa deve, em cada caso, resultar de uma reflexão normativa de identificação das dimensões de tecnologia que incidem sobre os valores do estilo de desenvolvimento, e de formulação das preferências sociais por cada uma destas dimensões.

CONCLUSÕES

Esse novo estilo de desenvolvimento propõe pressupostos que divergem do atual modelo de desenvolvimento econômico, entre eles a chamada indústria do turismo, sobretudo no contexto da demanda social – na regulação dos padrões de consumo e dos estilos de vida, e da oferta de bens e serviços – na regulação de um conjunto de funções produtivas. Diante desta complexidade, torna-se um desafio superar o modelo de desenvolvimento vigente, tendo como característica, sobretudo, as crises sociais decorrentes da má distribuição de renda e de educação, com necessidades políticas da sociedade tornando-se necessidade e aspirações de apenas um pequeno grupo privilegiado, que, aliás, é o que usufrui do chamado turismo de luxo, concentrador da riqueza nacional, determinando e promovendo os negócios e a comunidade, e criando o nosso túnel de necessidades econômicas, que se apoiam em uma abundância industrial sob a bênção dos recursos naturais atuais.

A exemplo disto, segundo resultados publicados do *Human Development Report*, 1999, produzido por um órgão da ONU, empenhado em aferir o grau de desenvolvimento social e econômico de 173 países, no caso específico brasileiro, os 20% mais ricos da população brasileira ganham trinta e duas vezes mais do que os 20% mais pobres; o país tem especial participação na seção sobre concentração de renda, amargurando a segunda pior colocação.

Entre os resultados globais, encontramos a aceleração da concentração de renda. Em 1960, os 20% mais ricos eram donos de 30% da renda mundial. Hoje, os mesmos 20% detêm mais de 60% da riqueza, além de dominar 80% das oportunidades econômicas, o que significa acesso a comércio, poupança, empréstimos e investimentos. Traduzindo para números, um bilhão de pessoas mais ricas do planeta têm sessenta vezes mais recursos do que um bilhão de mais pobres.

Appropriated technology thus recovers, very competently, precious knowledge that can be applied in a wide variety of ways, of which modern technology is just one.¹⁶ Sachs¹⁷ confirms these thoughts, adding that the detailed set of criteria which the choice of techniques, products and research priorities must obey must result, in each case, from a guideline reflection for identifying the dimensions of technology that are based on the values of the development style, and the formation of social preferences for each of these dimensions.

CONCLUSIONS

This new development style proposes pre-suppositions that are quite different from the current model of economic development. Among them is the so-called tourism industry, above all in the context of social demand – the regulation of standards of consumption and lifestyles, and the offer of goods and services – in the regulation of a set of productive functions. Faced with this complexity, the challenge is to overcome the development model that currently exists, the main characteristic of which is the social crises arising from poor distribution of income and education, with society's political needs becoming the needs and aspirations of only a small privileged group. This happens to be the group that enjoys so-called luxury tourism, a concentrator of national wealth, determining and promoting business and the community and creating our tunnel of economic needs, which are supported by an industrial abundance under the blessing of the current natural resources.

An example of this, according to the published results of the *Human Development Report 1999*, produced by a UN body, which attempted to compare the degree of social and economic development in 173 countries: in the case of Brazil, the richest 20% of the Brazilian population earn thirty-two times more than the poorest 20%; the country is given special focus in the section on income concentration, where it occupies the second worst position.

Among the global results, we see an acceleration in concentration of income. In 1960, the richest 20% owned 30% of the world's income. Today, the same 20% hold more than 60% of the wealth, besides dominating 80% of the economic opportunities, which means access to commerce, savings, loans and investments. Translated into figures, a billion of the richest people on the planet have sixty times more resources than a billion of the poorest.

Entretanto, os nossos desafios foram de não deixar que o pessimismo sobre este quadro apocalíptico desviasse a perspectiva de transformar de imediato a crítica em indicações para uma ação possível, que é imprescindível neste momento ao nosso país.

Essa transformação é responsabilidade sobretudo da sociedade. Essa responsabilidade inicia-se no espaço local – grupos, bairros, comunidades e municípios –, que, aliás, é um verdadeiro incubador das atividades econômicas (turismo), sociais e ecológicas, simulando uma perspectiva global. Assim, o desenvolvimento sustentável local deve ser regulado no próprio município, e para que isso aconteça, as diferentes facções da comunidade deverão aprender a brigar *cada uma com o calo que lhe dói*: a empresa hoteleira que despede funcionários, o êxodo rural ou urbano, a empresa que está matando o rio local, o nível de educação das escolas, possibilitando uma verdadeira dimensão política da participação.⁴⁸

Concorda-se com Sachs, ao afirmar que o Estado não deva gerir o desenvolvimento das necessidades de seus cidadãos, utilizando-se de paternalismo, subestimando a capacidade da sociedade civil para cuidar das suas próprias opções, transformando seus beneficiários em seres assistidos passivos e dependentes, quando mais valeria ajudá-los no livre exercício de seus direitos e estimular sua capacidade de contar com eles mesmos; sobretudo quando estiverem preparados por estratégias educacionais, no esforço de desenhar processos de aprendizagem de modo a possibilitar que as pessoas, a partir de suas próprias percepções do ambiente, construam sua cultura e experiências de vida cotidiana, redefinindo radicalmente os tipos de trabalho e de lazer.

Portanto, os desafios institucionais estão na participação da elaboração e da implementação das soluções, dando livre curso à proliferação de formas associativas que surjam no contato de um problema vivido, de um interesse comum, de uma comunidade de vistas, decidindo o que elas querem ser, grandes ou pequenas, criando no momento em que percebem sua identidade. A hora é de criatividade e dinâmicas institucionais: insuflar conteúdos novos nas instituições existentes, encorajando a experimentação social ao nível mais humilde. Estimular novas formas de organização no setor de serviços econômicos – turismo – e sociais – organizações do terceiro setor – com um forte componente de sua autoprodução coletiva pelos interessados com o devido apoio material e técnico por parte do Poder Público. Insistir sobre uma maior participação popular não implica de maneira nenhuma desresponsabilizar o Estado, e sim redefinir as pautas de sua atuação.

Quanto ao papel do Estado Central, este não poderá abandonar suas funções de redistribuidor da

Meanwhile, our challenge was not to allow pessimism regarding this apocalyptic picture to divert us from the focus of immediately transforming criticism into suggestions for the potential action that is essential in our country at this time.

This transformation is the responsibility of the whole of society. It starts at local level – groups, suburbs, communities and towns – which, incidentally, act as an incubator for these economic (tourism), social and ecological activities, prompting a global perspective. Local sustainable development should therefore be regulated by the town itself, and for this to happen, the different factions in the community should learn to fight *each using his own personal bugbear*, be it the hotel company that is dismissing staff, the rural or urban exodus, the company that is polluting the local river or the low level of education in schools. Only then can participation take on a truly political dimension.⁴⁸

Many agree with Sachs, who affirms that the State should not govern the development its citizens' needs in a paternalistic way, underestimating the civil society's capacity to look after its own interests and turning its recipients into passive, dependent assisted beings. It would be much more worthwhile to help them freely exercise their rights and stimulate their capacity to become self-reliant, particularly if they are prepared for educational strategies, in the effort to design learning processes in a way that will enable society to build its culture and experiences of daily life, based its own perceptions of the environment, radically redefining the types of work and of leisure.

The institutional challenges therefore involve participating in the creation and implementation of solutions, giving free reign to the growth of different forms of association that arise from contact with real problems, shared interests, a community with vision that is deciding what it wants to be, big or small, creating at the moment in which they perceive their identities. It is time for creativity and institutional dynamics: breathing new life into existing institutions, encouraging social experimentation at the humblest level. Stimulating new forms of organization in the area of economic services – tourism – and social services – third sector organizations – as a strong component of collective self-production by those interested, with the necessary material and technical support of the Public Authorities. Insisting on greater public participation does not, in any way, remove the State's responsibility. Rather, it involves redefining its operational agenda.

Central Government, for its part, cannot abandon its function as re-distributor of wealth: as a

riqueza: de compatibilizador dos objetivos visados pelos diferentes segmentos da sociedade, entre eles o de estimular a atividade turística; de mantenedor do equilíbrio entre o curto e o longo prazo – o que implica na harmonização dos objetivos sociais, econômicos e ecológicos; de estimulador do desenvolvimento local – tornando compatíveis entre si as ações locais; de financiador de certos recursos raros – impossíveis de serem encontrados localmente.

NOTAS

- ¹ Sampaio, 2001.
- ² Moscovici, 1992.
- ³ Diegues, 1996.
- ⁴ Bertrand e Weber, 1995.
- ⁵ O autor está participando de dois projetos interdisciplinares, o primeiro no Instituto de Pesquisas Ambientais da Universidade Regional de Blumenau e o segundo no Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal de Santa Catarina, que podem ser tentativas de desenvolver um turismo sustentável, são eles: Gestão Interdisciplinar e Interinstitucional de Programas/Projetos Ambientais na Sub-Bacia do Ribeirão Belchior Alto (Município de Gaspar-SC) e Educação para o Ecodeenvolvimento: Avaliação Participativa de Ecossistemas Litorâneos na Comunidade de Ibiraquera (Município de Imbituba-SC).
- ⁶ Sachs, 1986b, Masi, 2000 e Gadgil, 2000.
- ⁷ Hirsch, 1979 e Meadows, 1973.
- ⁸ Sachs, 1993b.
- ⁹ Vieira, 1992.
- ¹⁰ Estas denominações eram preferidas no âmbito das Organizações Internacionais naquela época, possivelmente em função das conotações ideológicas supostamente menos radicais e mais coerentes com a diretriz de experimentação cuidadosa com a concepção de uma nova ordem internacional (Vieira, 1993).
- ¹¹ Tamames, 1983 e Dowbor, 1983.
- ¹² Sachs, Sachs et al., Godard e Sachs, Dag Hammarskjöld Foundation. In: Vieira, 1992.
- ¹³ Viola e Vieira, 1992.
- ¹⁴ Sachs, 1986a.
- ¹⁵ Sachs, 1986a e Roaunet, 1987.
- ¹⁶ *Self-reliance* é contar com suas próprias forças, essencialmente na sua autonomia de escolha e na sua tomada de decisões (Sachs, 1986b).
- ¹⁷ Vieira, 1992.
- ¹⁸ Vieira, 1992.
- ¹⁹ Ibid.
- ²⁰ Sachs, 1986b.
- ²¹ Sachs, 1986a e 1986b.
- ²² Sachs, 2000.
- ²³ Ibid.
- ²⁴ Ibid.
- ²⁵ Sachs, 1993b.
- ²⁶ Sachs, 1986b.
- ²⁷ Marcuse. In: Sachs, 1986b.
- ²⁸ Ibid.

mediator, ensuring that the objectives of the different sectors of society – including stimulating the tourism industry – are compatible; as a maintainer of harmony between the short and long terms, which includes harmonizing the social, economic and ecological objectives; as a promoter of local development, ensuring compatibility between itself and the local activities and as a financier of certain rare resources – which cannot be found locally.

NOTES

- ¹ Sampaio, 2001.
- ² Moscovici, 1992.
- ³ Diegues, 1996.
- ⁴ Bertrand and Weber, 1995.
- ⁵ The author is participating in two interdisciplinary projects, the first at the Institute of Environmental Research at the *Universidade Regional de Blumenau* and the second at the Interdisciplinary Center for the environment and Development at the Federal University of Santa Catarina, which are attempts to develop sustainable tourism. These projects are: *Gestão Interdisciplinar e Interinstitucional de Programas/Projetos Ambientais na Sub-Bacia do Ribeirão Belchior Alto (Município de Gaspar-SC)* (Interdisciplinary and Inter-institutional Management of Environmental Programs/Projects in the Sub-basin of the Ribeirão Belchior Alto (town of Gaspar, Santa Catarina)) and *Educação para o Ecodeenvolvimento: Avaliação Participativa de Ecossistemas Litorâneos na Comunidade de Ibiraquera (Município de Imbituba-SC)* (Education for Ecodevelopment: Participative Evaluation of Coastal Ecosystems in the Community of Ibiraquera (town of Imbituba, Santa Catarina)).
- ⁶ Sachs, 1986b, Masi, 2000 and Gadgil, 2000.
- ⁷ Hirsch, 1979 and Meadows, 1973.
- ⁸ Sachs, 1993b.
- ⁹ Vieira, 1992.
- ¹⁰ These denominations were preferred among International Organizations at that time, possibly because the fact that their ideological connotations were supposedly less radical and more coherent with the directive of careful experimentation and the idea of a new international order (Vieira, 1993).
- ¹¹ Tamames, 1983 and Dowbor, 1983.
- ¹² Sachs, Sachs et al., Godard and Sachs, Dag Hammarskjöld Foundation. In: Vieira, 1992.
- ¹³ Viola and Vieira, 1992.
- ¹⁴ Sachs, 1986a.
- ¹⁵ Sachs, 1986a and Roaunet, 1987.
- ¹⁶ *Self-reliance* is to count on one's own resources, essentially on one's autonomy of choice and decision-making (Sachs, 1986b).
- ¹⁷ Vieira, 1992.
- ¹⁸ Vieira, 1992.
- ¹⁹ Ibid.
- ²⁰ Sachs, 1986b.
- ²¹ Sachs, 1986a and 1986b.
- ²² Sachs, 2000.
- ²³ Ibid.

- ²⁹ Marcuse. In: Sachs, 1986b e Masi, 2000.
- ³⁰ Hirsch. In: Sachs, 1986a.
- ³¹ Id.
- ³² Hirsch. In: Sachs, 1986a e Masi, 2000.
- ³³ Heller, apropriando-se das idéias de Marx (Sachs, 1986b).
- ³⁴ Sachs, 1986b.
- ³⁵ Ibid.
- ³⁶ PLATÃO. *Simpósio*. Tradução inglesa. Jowett : Oxford, 1871. In: Schumacher, 1987.
- ³⁷ Masi, 2000.
- ³⁸ Sachs, 1986b.
- ³⁹ Intermediária não é de aplicabilidade universal, e sim contextual, resultando uma *apropriada tecnologia intermediária* (Schumacher, 1983, p. 164).
- ⁴⁰ Glaeser, 1979 e Sachs, 1986a.
- ⁴¹ Schumacher, 1980, p. 8.
- ⁴² Schumacher, 1983, p. 156.
- ⁴³ Capra, 1988, p. 171.
- ⁴⁴ Schumacher, 1980, p. 10.
- ⁴⁵ Schumacher, 1987, p. 21.
- ⁴⁶ Schumacher, 1983, p. 166.
- ⁴⁷ Sachs, 1986a.
- ⁴⁸ Dowbor, 1990.
- ⁴⁹ Ibid.
- ⁵⁰ Sachs, 1993b.
- ⁵¹ Sachs, 1986b.
- ⁵² Marcuse. In: Sachs, 1986b.
- ⁵³ Ibid.
- ⁵⁴ Marcuse. In: Sachs, 1986b and Masi, 2000.
- ⁵⁵ Hirsch. In: Sachs, 1986a.
- ⁵⁶ Id.
- ⁵⁷ Hirsch. In: Sachs, 1986a and Masi, 2000.
- ⁵⁸ Heller, appropriating the ideas of Marx (Sachs, 1986b).
- ⁵⁹ Sachs, 1986b.
- ⁶⁰ Ibid.
- ⁶¹ PLATO. *Symposium*. English translation. Jowett : Oxford, 1871. In: Schumacher, 1987.
- ⁶² Masi, 2000.
- ⁶³ Sachs, 1986b.
- ⁶⁴ Intermediary does not have universal application, but rather, contextual, resulting in an *intermediary appropriate technology* (Schumacher, 1983, p. 164).
- ⁶⁵ Glaeser, 1979 and Sachs, 1986a.
- ⁶⁶ Schumacher, 1980, p. 8.
- ⁶⁷ Schumacher, 1983, p. 156.
- ⁶⁸ Capra, 1988, p. 171.
- ⁶⁹ Schumacher, 1980, p. 10.
- ⁷⁰ Schumacher, 1987, p. 21.
- ⁷¹ Schumacher, 1983, p. 166.
- ⁷² Sachs, 1986a.
- ⁷³ Dowbor, 1990.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTRAND, Alain; WEBER, Jacques. From state to local commons in Madagascar : a national policy for local management of renewable resources. **5th Common Property Conference**, Bodo, Norway, 24-28 May 1995.
- CAPRA, Fritjof. **Sabedoria incomum**. São Paulo : Cultura, 1988.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo : Hucitec, 1996.
- DOWBOR, Ladislau. Município e meio ambiente. **IV Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente**. Florianópolis, 1990.
- _____. **A formação do 3^o mundo**. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- GADGIL, Madhav et al. **Participatory local level assessment of live support systems : a methodology manual**. Bangalore : Centre for Ecological Science (India Institute of Science), 2000. Technical Report n. 78.
- GLAESER, Bernhard; VYASULU, Vinod. The obsolescence of ecodevelopment? **Human Futures**, v. 2, n. 3, p. 230-239, 1979.
- HIRSH, Fred. **Limites sociais do crescimento**. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.
- HUMAN Development Report. New York : Oxford University, 1999. Report.
- MASI, Domenico de. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro : Sextante, 2000.
- MEADOWS, Donella H. et al. **Limites do crescimento**. São Paulo : Perspectiva, 1973.
- MOSCOVICI, John. **Rumo ao paraíso : a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1992.
- ROUANET, Sergio P. **As razões do iluminismo**. São Paulo : Cia das Letras, 1987.
- SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro : Garamond, 2000.

- _____. Alternativas de desenvolvimento : buscando uma saída não recessiva da crise. **Cadernos de Assuntos Comunitários**, n. 1, p. 31-36, maio 1984.
- _____. **Ecodesenvolvimento : crescer sem destruir**. São Paulo : Vértice, 1986a.
- _____. **Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento**. São Paulo : Vértice, 1986b.
- _____. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, Marcel (Org.) **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo : Brasiliense, 1993a.
- _____. **Estratégias de transição para o século XXI : desenvolvimento e meio ambiente**. [S.l.] : Studio Bobel, FUNDAP, 1993b.
- SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Planejamento para o desenvolvimento sustentável : um estudo de caso e comparativo de municípios**. Itajaí : Ed. da Univali, 2001. No prelo.
- _____. Gestão organizacional estratégica para o desenvolvimento sustentável : uma metodologia alternativa para o planejamento turístico. **Turismo : Visão e Ação**, Itajaí, a. 3, n. 6, p. 97-115, abr-set. 2001.
- _____. **Gestão organizacional estratégica para o desenvolvimento sustentável**. Itajaí: Ed. da Univali, 2000.
- _____. Strategic organization management for sustainable development. **First International Conference on Urban Regeneration Sustainability : The Sustainable City**, Southampton; Boston, p.13-19, 2000.
- SCHUMACHER, E. F. **Um guia para os perplexos**. Lisboa : Dom Quixote, 1987.
- _____. **O negócio é ser pequeno**. Rio de Janeiro : Zahar, 1983.
- _____. **El buen trabajo**. Madrid : Debate, 1980.
- TAMAMES, Ramon. **Crítica dos limites do crescimento**. Lisboa : Dom Quixote, 1983.
- VIEIRA, Paulo Freire. A problemática ambiental e as ciências sociais no Brasil : 1980 - 1990. **BIB**, n. 33, p. 1-88, I. sem 1992.
- _____. **Desenvolvimento, meio ambiente e planejamento**. Florianópolis. 1993. Mimeografado.
- VIOLA, Eduardo J., e VIEIRA, Paulo. Da preservação da natureza e do controle da poluição ao desenvolvimento sustentável : um desafio ideológico e organizacional ao movimento ambientalista no Brasil. **RAP**, v. 26, n. 4, p. 81-104, out.-dez. 1992.